

**Registro.** De janeiro a abril deste ano, foram contabilizados 331 casos de agressões no Estado

# Três crianças sofrem violência todos os dias na Grande Vitória

São casos de abuso sexual, maus-tratos, exploração sexual, violência física ou psicológica

PRISCILLA THOMPSON  
ppessini@redgazeta.com.br

■ Todos os dias, cerca de três crianças sofrem violência na Grande Vitória, vítimas de abuso sexual, maus-tratos, exploração sexual, violência física ou psicológica. Os dados, da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), são referentes a agressões contra crianças com até 11 anos, a exemplo do bebê de 1 ano e 11 meses que, na última quarta-feira, foi resgatado após os pais terem sido denunciados por vizinhos e indiciados por tortura. Ao todo, foram 331 agressões de janeiro a abril deste ano.

Apesar da palmada ser cada vez menos aceita na sociedade, o registro de casos de agressão parece não seguir na mesma direção. De acordo com o delegado da DPCA, Marcelo Nolasco, a desestruturação familiar e o

## Denuncie

**Disque 100**

■ Para denunciar abuso, exploração sexual e outros tipos de violência contra crianças e adolescentes. A ligação é gratuita e pode ser feita todos os dias, das 8h às 22h. Não é preciso se identificar

“Os casos de tortura são os que mais chocam, pela brutalidade dos pais”

MARCELO NOLASCO  
DELEGADO

uso de álcool e outras drogas são os principais motivos que levam os pais a agredir os próprios filhos.

“É comum as mães terem fi-

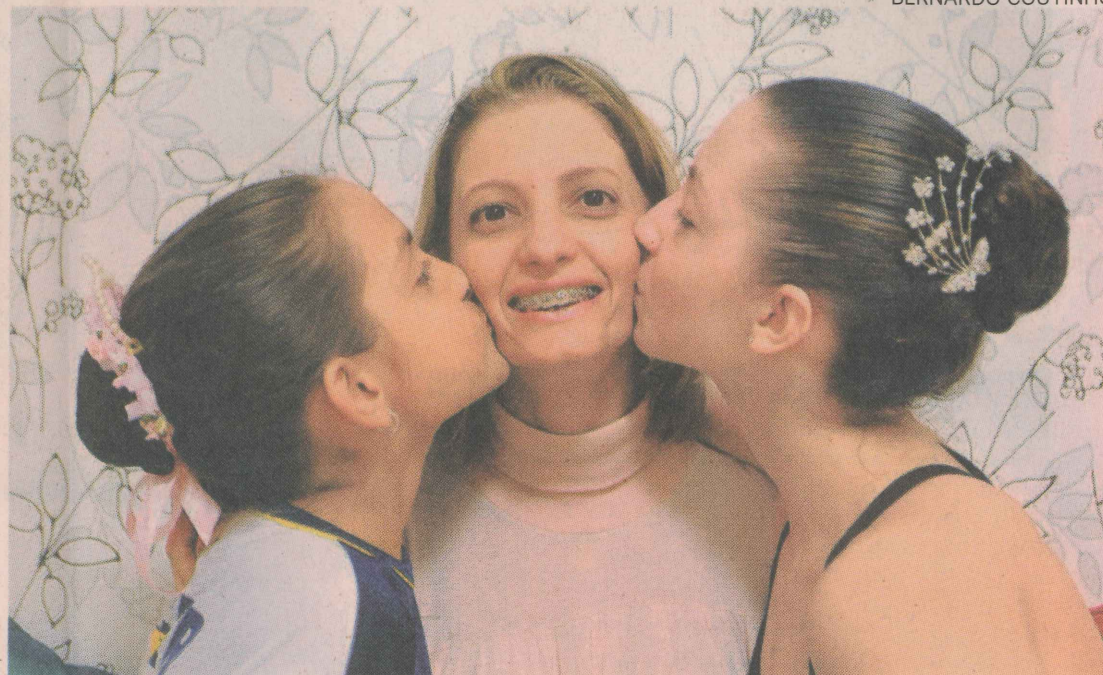
lhos de pais variados e o padrão ser o agressor. Isso acontece em qualquer grupo social e tanto por homens quanto por mulheres. Nada justifica esses casos, mas a maioria deles acontece onde falta estrutura familiar”, diz.

## DENÚNCIAS

Um dos canais de denúncias contra a violência infantil é o Disque-Denúncia Nacional, o Disque 100. Por meio dele, de janeiro a abril deste ano, foram registrados 189 casos de agressões no Estado e 8.799 em todo o país. A maioria dos registros são de violência física e/ou psicológica.

De acordo com o coordenador do Disque 100, Joacyr Pinheiro, os dados não apontam necessariamente para um diagnóstico da situação da violência contra a criança no Estado, mas revelam que a população está sendo bem informada. “A denúncia é apenas o primeiro passo para o fim da violência, mas, sem ela, não é possível combater os abusos, principalmente os praticados de forma velada, por pais e mães”, alerta.

BERNARDO COUTINHO



## Na casa delas, a conversa é a base da educação

■ Muitos pais podem até justificar que, uma hora ou outra, aquele tapinha na mão não faz mal algum e que, na hora da raiva, pode ser a única solução. Mas a prova de que educar sem bater dá certo são as filhas da

ginecologista Patrícia Campagnaro. Luíza, de 13 anos, e Ana Paula, de nove, nunca souberam o que é ter a mão da mãe levantada contra elas. “Acho abominável quem bate em criança. A gente já vive em um mundo tão violento que eu me pergunto como é possível alguém educar com violência”, questiona. Ela diz já ter presenciado no exercício da profissão

casos extremos de agressão, como o de uma mãe que prendeu os dedos do filho. “Educar é o oposto disso. Com as minhas filhas, o que existe é diálogo e orientação. Eles nunca me deram motivos para me exaltar, porque sempre tive uma postura de acompanhá-las e ensiná-las conversando. É o que eu receito inclusive para minhas pacientes”, diz.

Até uma simples palmada

# Até uma simples palmada provoca conseqüências

**Se a criança está acostumada a ser agredida, pode reproduzir o mesmo comportamento**

■ Uma palmada hoje, uma reação agressiva amanhã. Apesar de muitos psicólogos garantirem que não existe uma relação direta entre as "inocentes" palmadas dadas pelos pais e a criação de um adolescente rebelde ou mesmo violento, elas podem sim trazer conse-

qüências desastrosas para o comportamento dos filhos.

A psicóloga e psicopedagoga Cheila Araújo Mussi Montenegro explica que a reação da criança ou do adolescente pode ser expressa por meio de outras atitudes, como isolamento, desinteresse pelo contato com outras pessoas, desatenção e - por que não? - agressividade. "Gritos, chutes, maneiras mal-educadas de responder, tudo isso é aprendido de acordo com a forma como os pais educam a criança. Se

ela está acostumada a ser agredida, pode entender que essa é a forma de se relacionar com os outros também", alerta.

Mas Cheila explica que, além da educação, a personalidade da criança também influi nas suas atitudes. "Por isso, nem toda criança que levou uma palmada na infância se tornou um adulto violento", diz. A melhor saída para os pais é sempre optar pela negociação. "Castigos como tirar algo de que o filho gosta, por exemplo, funcionam", indica.

Mas a prova de que educar sem bater dá certo são as filhas da

questiona. Ela diz já ter presenciado no exercício da profissão

receito inclusive para minhas pacientes", diz.

## O MEDO É A PIOR MANEIRA DE EDUCAR

### Análise

**LAURO MONTEIRO FILHO**  
Editor do Observatório da Infância

■ Bater em uma criança é o mesmo que ensiná-la: "Quando você encontrar conflitos na vida, resolva no tapa". Se impor a uma criança

e educá-la com base no medo é o pior método que um pai e uma mãe podem escolher. Não podemos ser radicais a ponto de dizer que as palmadas têm como consequência direta a formação de adultos violentos, mas os pais devem ter consciência de que essa ação tem uma reação. O que choca, de fato, são casos de tortura, em que a autoridade

do adulto extrapola os limites da educação. Ter filhos, hoje, muitas vezes é um ato cultural, já que a satisfação de um casal ainda está muito ligada à obtenção de filhos que, em alguns casos, eles não são capazes de criar. Nesses casos, as pessoas sequer deveriam ter filhos, adotivos ou não. Defendo que a punição para agressões extremas, como violências físicas e sexuais, não adianta. É preciso combatermos qualquer extrapolação de limites da autoridade.